
MÉTODOS NARRATIVOS DE PESQUISA: UMA APROXIMAÇÃO

Luiz Alex Silva Saraiva

UFMG

SUMÁRIO: 1 Introdução; 2 Narrativa e Realidade: (In)Compatibilidade? ; 3 Métodos Narrativos: Uma Aproximação; 4 Um Mergulho nos Métodos Narrativos; 5 A Operacionalização da Pesquisa baseada em Métodos Narrativos; 6 Considerações Finais

Resumo

Neste artigo de cunho teórico e também metodológico, o objetivo é discutir como os métodos narrativos de pesquisa podem ser usados para a concepção e execução de pesquisas na área de Administração. Mais especificamente, este texto pretende: a) discutir a compatibilidade entre narrativa e realidade; b) introduzir os métodos de pesquisa baseados em narrativas; c) discutir a questão da memória coletiva versus a memória individual; d) discutir detalhadamente os métodos narrativos, suas modalidades e possibilidades de aplicação; e e) apresentar a forma pela qual pode ser operacionalizada uma pesquisa baseada em métodos narrativos. As principais contribuições do texto são no sentido de ampliar o escopo metodológico da área de Administração, destacando as narrativas como fonte de dados que sugerem a possibilidade de teorização a partir de análises de trajetórias individuais. Tal perspectiva, que compete com a dedução funcionalista, tende a ser um ganho para o conhecimento na área de Administração à medida que viabiliza metodologicamente que os indivíduos e suas narrativas sejam fontes de dados para as pesquisas na área.

Palavras-chave

Métodos Narrativos de Pesquisa. Narrativas. Narrativas Organizacionais. Pesquisa Qualitativa em Administração.

Abstract

In this theoretical and also methodological paper, we have as main goal to discuss as narrative methods research can be useful to the conception and execution of researches in management field. More specifically, this paper intends: a) to discuss the compatibility between narrative and reality; b) to introduce research methods based in narratives; c) to discuss the question of collective memory versus individual memory; d) to discuss in detail narrative methods, their types and possibilities of application; and e) to present forms in what a narrative research can be conducted. Main contributions of this paper extend the management field methodological scope, showing narratives as sources of data that suggests the possibility of theorization starting from individual trajectory analysis. This perspective, which competes to functionalist deduction, tends to be positive to the knowledge at management field because it makes possible methodologically that individuals and their narratives be source of data to research in the field.

Keywords

Narrative Methods Research. Narratives. Organizational Narratives. Qualitative Research in Management

Introdução

Métodos de pesquisa qualitativos têm sido crescentemente utilizados em diversos campos de conhecimento mesmo que ainda estando longe de desafiar o *status* estabelecido da quantificação do conhecimento científico. Nas ciências sociais, em particular, tem havido um olhar atento às possibilidades trazidas pela 'qualificação' do conhecimento, o que se deve em parte às limitações da ênfase estritamente técnica das abordagens quantitativas, e, em parte, ao próprio esgotamento das abordagens funcionalistas e suas bases de sustentação ontológica e epistemológica. Evidências do interesse pela abordagem qualitativa estão no espaço – ainda pequeno, é preciso registrar – aberto a esta perspectiva em periódicos internacionais, veículos em sua maioria funcionalistas, e na criação, relativamente recente, de inúmeras revistas científicas voltadas para a discussão metodológica de cunho qualitativo, como: *Qualitative Sociology* (criada em 1978), *The Qualitative Report* (criada em 1995), *International Journal of Social Research Methodology* (1997), *Forum: Qualitative Social Research* (1999), e *International Journal of Qualitative Methods* (2001).

O que a abordagem qualitativa oferece, em essência, se resume a uma palavra: significado. À medida que se voltam para os indivíduos, e como eles constroem seus significados, os métodos e técnicas dessa abordagem estão mais interessados no processo do que no resultado propriamente dito. O homem é colocado no centro do processo, e não se procura disfarçar a sua presença, invocando argumentos como 'neutralidade', 'objetividade' e assemelhados, uma vez que se parte da perspectiva de que

a realidade só existe por causa dele (e para ele) e não à sua revelia. Por isso, ao invés de tentar captar um mundo 'real' que existe independente do homem, busca-se explorar o que as coisas 'reais' significam para ele, quais as inter-relações por ele construídas para abordar, entender e explicar o contexto em que se insere.

Entre as inúmeras abordagens metodológicas que podem ser usadas na pesquisa qualitativa, este artigo concentrar-se-á nos métodos narrativos com o objetivo de apresentá-los e discuti-los mostrando suas possibilidades para a pesquisa na área de Administração. Especificamente, este texto pretende: a) discutir a compatibilidade entre narrativa e realidade; b) introduzir os métodos de pesquisa baseados em narrativas; c) discutir a questão da memória coletiva versus a memória individual; d) discutir detalhadamente os métodos narrativos, suas modalidades e possibilidades de aplicação e e) apresentar a forma pela qual pode ser operacionalizada uma pesquisa baseada em métodos narrativos. Além desta breve introdução, este artigo contará com mais cinco seções que discorrerão sobre cada um dos objetivos mencionados e com uma seção de considerações finais.

Narrativa e Realidade: (In)Compatibilidade?

Tão antigo quanto o debate em torno do que é a realidade no domínio ontológico, é, no campo epistemológico, a querela sobre como se faz para conhecer esta realidade. Os partidários do positivismo crêem em uma realidade concreta, real, que existe independente da vontade dos sujeitos. Caberia aos cientistas, assim, encontrar mecanismos, pelos quais pudessem se

aproximar desta realidade, mensurando-a em sua concretude, e, na medida do possível, desvendando as leis sob as quais esta funciona. Os não positivistas, embora com diferenças consideráveis de foco, não acreditam em uma ordem tão estabelecida e perfeita assim, e perseguem diferentes concepções desta realidade, que vão desde o papel das relações sociais (estruturalismo), passando pelas leituras que os indivíduos fazem dela (interpretacionismo) à importância do homem no processo (humanismo).

Em comum entre estas três abordagens está uma negação à noção positivista no sentido de não considerar a realidade como dada por circunstâncias exteriores ao homem, mas uma construção basicamente humana (BURRELL; MORGAN, 1979). Para estas correntes, se a realidade fosse objetiva em relação ao homem, o único método legítimo para alcançá-la possivelmente seria o que se baseia na mensuração dos elementos do real, já que a tarefa do pesquisador se converteria na aproximação do objeto, no papel de observador que procura de forma neutra, estabelecer objetivamente relações entre as variáveis por ele observadas. Seu foco estaria, portanto, menos no que se apresenta em si como real do que na lógica que rege a interconexões da realidade. Haveria, essencialmente, fatos a serem observados, descritos, mensurados e explicados, com um potencial mínimo de interferência do homem no processo, já que sua metodologia basear-

se-ia na objetividade como recurso básico para não interferir no objeto, apenas observá-lo cientificamente.

No caso das correntes epistemológicas não-positivistas, a discussão parte do ponto em que o mundo só existe do homem e para o homem. A realidade pode até apresentar uma existência concreta, mas só faz sentido quando os homens a percebem, a nomeiam, a interpretam e a explicam. Portanto, todo o processo ocorre por causa do homem, e não à sua revelia, o que faz com que o método seja apenas um meio à disposição dos pesquisadores, não algo a que eles devem se submeter para não sujar os 'pés de barro'. Precisamente porque sabem que o conhecimento que constroem é, o tempo inteiro, permeado por dimensões valorativas, os cientistas, que se valem das epistemologias estruturalista, interpretacionista e humanista, sabem que o método é uma ferramenta que confere uma base mais consistente de sustentação para argumentos que serão, inevitavelmente, não-objetivos (objetivados), conforme Demo (1987), e permeados por inúmeros aspectos que destoam do ideal da neutralidade positivista. Por isso, precisa haver um nível de compatibilidade mais amplos entre pressupostos ontológicos, epistemológicos, de natureza humana, e metodológicos para que faça sentido a construção de um trabalho científico nestas três correntes. Os métodos narrativos são interessantes nesse sentido porque permitem diversas possibilidades de utilização, conforme o Quadro 1:

Características	Estruturalismo	Interpretacionismo	Humanismo
Base Ontológica	Realista	Nominalista	<i>Nominalista</i>
Foco Epistemológico	Relações	Interpretação	<i>Homem</i>
Natureza Humana	Determinista	Voluntarista	<i>Voluntarista</i>
Visão Metodológica	<i>Nomotética</i>	<i>Ideográfica</i>	<i>Ideográfica</i>

Quadro 1 – Possibilidade de Uso dos Métodos Narrativos nas Correntes Não Positivistas

Fonte: Baseado em Burrell e Morgan (1979).

Assim, embora as três correntes apresentem divergências, como o Quadro 1 demonstra, nelas os métodos narrativos podem ser usados na investigação sem maiores problemas. No caso do estruturalismo, identificando, por exemplo, de que forma as histórias individuais refletem a força das estruturas sociais sobre as condições dos homens. No caso do interpretacionismo, como os indivíduos percebem e constroem interpretações da realidade; por fim, da perspectiva humanista, como o homem, por meio de sua história, pode, ele mesmo, encontrar meios de emancipação das condições de dominação vigentes.

Métodos Narrativos: Uma Aproximação

Embora métodos, como a história de vida, estejam presentes na metodologia de ciências sociais desde a publicação do estudo *The Polish Peasant*ⁱ, na década de vinte, somente há cerca de vinte anos conceitos como narrativa e história de vida vêm ganhando visibilidade no campo metodológico

(LIEBLICH *et al.*, 1998). Um dos motivos para este aumento de importância é sua utilização na teoria, pesquisa e aplicação de várias áreas de conhecimento, como a Psicologia, a Educação, a Sociologia, e a Administração, principalmente nos estudos organizacionais.

O que vem a ser a pesquisa narrativa? Conforme Lieblich *et al.* (1998, p.2), “refere-se a qualquer estudo que use ou analise material narrativo”. O foco na narração, portanto, mais do que em uma técnica particular de coleta ou de tratamento de dados, confere a este método um caráter intrinsecamente baseado na perspectiva temporal (GORDON; LAHELMA, 2003). Isso se deve ao fato de que, para narrar suas histórias, os indivíduos se valem de uma série de referências presentes durante o seu percurso, com particularidades percebidas à luz de eventos específicos que se desenrolaram ao longo do processo. A processualidade, assim, é central nos métodos narrativos. As informações só fazem sentido para o pesquisador se analisadas

levando em consideração todo um quadro de referência subjetivo.

Metodologicamente, muito da adesão aos métodos de pesquisa narrativos se deve a uma ampla fragmentação teórica (REED, 1998) própria dos tempos atuais. Nos dias de hoje, a centralidade do discurso – textualidade – a linguagem é enfatizada como constitutiva da realidade, e os objetos ‘naturais’ são denunciados como produções

discursivas (ALVESSON; DEETZ, 1998). Com isso ganham força as narrativas de grupos dentro da sociedade, e, por isso, metodologias que considerem as especificidades das fragmentadas identidades se mostram mais interessantes. Considerando as contribuições para o campo, há três domínios principais para a pesquisa narrativa, conforme o Quadro 2:

Domínio	Características	Áreas de aplicação
A narrativa é usada para a investigação de qualquer questão de pesquisa	Mais comum e variada	<i>Psicologia, Educação, Medicina, Sociologia, Antropologia</i>
Estudos que investigam a narrativa	Trabalhos sobre a narrativa em si	<i>Teoria da Literatura, Comunicação, Linguística</i>
<i>Foco em certos aspectos da narrativa</i>	<i>Ênfase no sujeito da narrativa metodológica</i>	<i>Filosofia, Metodologia</i>

Quadro 2 – Domínios para a Pesquisa Narrativa

Fonte: Lieblich *et al.* (1998).

No primeiro domínio, o mais popular, a investigação de pesquisa pode ser usada no processo de formação de ferramentas objetivas de pesquisa, ou em uma estratégia combinada no uso de *surveys* para uma amostra maior e métodos narrativos para um grupo menor, a fim de prover uma compreensão mais aprofundada do fenômeno em estudo. Na segunda categoria, trata-se do próprio trabalho de narrativa como significado para estudar outras questões, enfocando aspectos como a estrutura da história, e aspectos lingüísticos da narrativa, por exemplo. O último domínio se refere principalmente ao tema, à metodologia narrativa, em si, e aos modelos compreensivos para analisar a leitura de narrativas e trabalho de classificação de métodos (LIEBLICH *et al.*, 1998).

A pesquisa narrativa, assim, se candidata, em termos qualitativos, a

complementar ou a fazer frente outras abordagens de pesquisa. O foco nos dados coletados como narrativas os fazem mais relevantes para a pesquisa, uma vez que a questão da temporalidade se faz presente nesta abordagem. À medida que os indivíduos narram suas histórias do ponto de vista pessoal, constroem toda uma rede de significados que só consegue ser desvendada à luz de um suporte necessariamente localizado temporalmente.

O que é um significado hoje, nesse sentido, remonta a algum momento da narrativa, em que um dado passou a ser interpretado, e, portanto, a fazer sentido para aquele indivíduo a partir de um referencial cognitivo específico. Não se instala, entretanto, uma visão relativista dos fatos, já que estes só existem sob a forma de interpretação individual, como uma espécie de mosaico (BECKER, 1999), que forma o

real a partir de várias perspectivas distintas. Não existem, nessa perspectiva, fatos que antecedem e independem dos indivíduos, mas, que, somente existem porque eles são percebidos e interpretados simbolicamente pelos sujeitos sociais. A memória, nessa linha de raciocínio, não pode ser simplesmente tomada como um dado, já que se apresenta mais propriamente como uma espécie de amálgama de experiências acumuladas durante o período de existência (LYON, 2004).

Memória Individual e Memória Coletiva

Há, portanto, diferenciais na construção da memória. Primeiro porque a memória é parte de distintas linguagens, que atuam como uma espécie de argamassa da construção de indivíduos e de sociedades. Tal interface se refere a um conjunto de referenciais, de ordem material e física, que permitem à sociedade se perceber como parte de um mesmo universo. Segundo, porque existe inegavelmente uma conexão entre memória e poder (LE GOFF, 1984), pois, uma vez que, os monumentos representam o que deve ser lembrado, deixam explícitos o que a sociedade valoriza, e, portanto, o que também deve ser esquecido (THANEM, 2001) pelos integrantes daquela comunidade a fim de que possam usufruir o senso de pertencimento.

A memória, assim, não deixa de ser uma espécie de 'filtro', um olhar presente sobre o passado, buscando nele alguma coisa que integra um tempo relativo à própria anterioridade. Histórias subjetivas, como as narrativas individuais, que descrevem o cotidiano dos indivíduos em seu espaço sócio-temporal se redefinem por meio da memória (BOSI, 1994).

A memória coletiva, nesse sentido, pode ser encarada como elemento estruturador que se apresenta como recordações compartilhadas socialmente por um agrupamento social aludindo à sua própria trajetória do tempo (LE GOFF, 1984). O papel das narrativas é central nesse processo porque transmite, via oralidade dos sujeitos, os sentidos aprendidos, apreendidos e as interpretações deles decorrentes, que conferem legitimidade a uma dada tradição. Nesse sentido, como afirma Cardoso (1997, p.9), "a sociedade constrói uma espécie de patrimônio comum que, seletivamente, acaba residindo em depósitos sociais (arquivos, monumentos, museus)".

No âmbito das pretensões deste artigo, embora tratar da questão dos museus e da história por eles fisicamente preservada seja muito instigante, conforme atestam Machado e Saraiva (2006), interessa o foco na tradição não-material da história, na memória que os indivíduos são capazes de reconstruir a partir das suas próprias referências – que não são objetivas e nem pretendem sê-lo.

A visão da história sendo mais do que uma mera lista de fatos, mas, também, um percurso por meio do passado, presente e futuro do narrador, tem se tornado relevante. Conforme Kainan *et al.* (2006, p.2), recentemente, o uso deste conceito de história como área legítima de pesquisa "tem sido aceito por um número crescente de pesquisadores, que aceitam a idéia de que a história representa um tipo de conhecimento, com riqueza e nuances que só podem ser conferidos por quem participou dos eventos". Isso não quer dizer, contudo, como destaca Costa (1997, p.5), que se trate de algo relativista, pelo contrário, para ela, a história deve se ater tanto ao entendimento dos sujeitos sociais, "seus fazeres e

representações, quanto à sociedade, espaço que muito contribui para dar forma e sentido às ações individuais. É nesse sentido que os estudos de histórias de vida e de biografias em geral deixam de ser entendidos como individualistas e têm obtido nova significação”.

Os métodos narrativos, uma vez que, reconhecem a parcialidade das informações coletadas (SMITH; THOMAS, 2003) se valem de mecanismos de verificação (FRAZIER, 1978; THOMSON, 2002) do momento histórico para então fundi-lo a como foi interpretado pelos diferentes sujeitos sociais. Como “narrar é (re)construir verbalmente o presente, as lembranças e os desejos, é

(re)elaborar a experiência individual no passado comum” (COSTA, 1997, p.8), a narrativa como método está longe de certezas – ou pelo menos longe das certezas associadas a moldes funcionalistas.

De acordo com Thomson (2002), a partir do final da década de 70, os partidários deste método já declaravam que as ‘peculiaridades’ da história oral, por exemplo, entre elas os problemas apontados pelos críticos (equivocos, tempo entre a experiência e a evocação da memória, confiabilidade e validade das lembranças etc.) podem ser mais uma fonte do que um problema em si.

Um Mergulho nos Métodos Narrativos

Os métodos narrativos partem de narrativas para explicar motivações, atitudes e valores que moldam o comportamento e o fluxo das ações humanas (STANFIELD, 1987). Isso implica, necessariamente, compromisso com a subjetividade dos narradores, que, ao se disporem a contar

suas histórias, desmistificam interpretações naturalistas ou racionalistas a respeito de como as pessoas constroem a realidade (BERGER; LUCKMANN, 2005). De acordo com Stanfield (1987), existem inúmeros métodos que podem ser classificados dentro da análise narrativa, conforme o Quadro 3:

Tipo	Descrição e Problemas
Autobiografia	<i>Podem ser extremamente problemáticas, já que nem todas as pessoas resistem ao exagero, além de os biografados esquecerem ou excluírem importantes eventos da própria história.</i>
História Oral	<i>Embora quando bem executada, por meio de uma experiência não-estruturada, pode gerar informações valiosas sobre as impressões do indivíduo da sociedade e de temas sociais, tem sido subutilizada na pesquisa sociológica por ser um tipo de entrevista, que considera, essencialmente, a agenda do pesquisador</i>
Entrevista em Profundidade	<i>Tem o formato de história oral estruturada, o que dá ao pesquisador a possibilidade de desenvolver um survey que dê ao entrevistado um tempo para explicar suas experiências de histórias de vida. Deixa de fora aspectos mais amplos, como política, economia, estrutura e fatores tecnológicos</i>
Biografia	<i>É uma história de vida escrita por outra pessoa, o que faz com que sua acurácia seja, compreensivelmente, questionada. Isso leva a que se pergunte qual a relação entre o autor e o biografado e por que o trabalho foi escrito e publicado, no sentido de explicar lacunas e</i>

	<i>distorções na biografia</i>
Entrevistas Survey	<i>Envolve um questionário altamente estruturado para coletar e analisar dados da história de vida em uma grande amostra de sujeitos. O problema aqui é que os respondentes são anônimos e sujeitos a um instrumento altamente estruturado, o que cria problemas de validade e qualidade nos dados</i>
Ferramentas Biográficas de Referência	<i>São usadas em dicionários biográficos, sendo úteis para localizar sujeitos e coletar informação demográfica básica, embora tenham como problema o fato de que estes dicionários se voltam para o consumo, ora destacando, ora ocultando características dos biografados de acordo com o mercado consumidor.</i>
Biografia Fictícia	<i>São importantes para a pesquisa sociológica à medida que, por meio de novelas e crônicas, iluminam problemas e circunstâncias sociais reais. Têm como vantagem o fato de que os pesquisadores podem levantar temas sociais muito sensíveis e publicá-los sob a forma de ficção. Mas, por não ser 'verdade', sofre da interpretação de temas derivados da imaginação do autor, ao invés de por meio de evidência empírica.</i>

Quadro 3 – Tipos de Métodos Narrativos

Fonte: Adaptado de Stanfield (1987).

Frente às possibilidades metodológicas da pesquisa narrativa, cabe ao pesquisador definir, tanto em termos estratégicos quanto em termos operacionais, quais métodos são mais adequados à natureza de sua pesquisa, tendo em foco, evidentemente, a questão da qualidade em si da pesquisa qualitativa, conforme discutido por Godoy (2005).

Na pesquisa narrativa, a opção por determinados objetos de pesquisa pode levar ao uso de métodos específicos. Ao tratar da qualidade da retrospectiva das histórias de migrantes, por exemplo, Smith e Thomas (2003) fizeram uso de entrevistas *survey* como método. Com enfoque na mesma temática de migração, contudo, Thomson (2002) se valeu de história oral. No que se refere à qualidade dos 'fatos' lembrados, tema abordado por Smith e Thomas (2003), Abdi (2001) optou pela sociologia histórica, uma escola sociológica que tem interfaces com a história e uso de métodos narrativos de investigação.

Sobre a temática étnica, Chaitin (2004) associa histórias de vida e entrevistas biográficas em profundidade para tratar da

questão da identidade social de israelenses judeus. Para verificar as razões pelas quais estudantes beduínos prosseguem nos estudos na faculdade, Kainan et al. (2006) se basearam em suas histórias de vida, o que também faz Stanfield (1987) para tratar especificamente da questão da estratificação racial. Associando etnografia e história de vida, Gordon e Lahelma (2003) estudaram as transições pelas quais passam estudantes de nível médio.

Estudos voltados para o ativismo político, como o de Roberts (2004), e, para a história intelectual (LYON, 2004), bem como os que se voltam para a descrição da metodologia em uma região específica – a Ibero-América, no caso de Bolívar e Domingo (2006) – se baseiam mais na perspectiva da contribuição biográfica, sendo tanto a autobiografia quanto os métodos biográfico-narrativos os mais utilizados nesse sentido.

Entre os métodos narrativos, a história de vida é, sem dúvida, o mais popular. É usado em estudos que tratam da violência do ponto de vista histórico (GODFREY; RICHARDSON, 2004) e do ponto de vista das teorias de comportamento

criminoso (FRAZIER, 1978); no campo da saúde, no que diz respeito a decisões relacionadas ao fim da vida (CALLAHAN et al., 2003), e à medicina alternativa e complementar (TOVEY; MANSON, 2004); nos negócios, indo desde a aprendizagem da identidade profissional (OLESEN, 2001), passando pelo caráter pedagógico da história de vida em cursos de MBA (PETERSON; McQUITTY, 2001), e em cursos de venda pessoal (PETERSON; STAPLETON, 1995), chegando ao comportamento profissional feminino pós-maternidade (ELLIOTT, 2002), e mesmo a uma perspectiva feminista de metodologia qualitativa (KASPER, 1994).

Há ainda estudos, baseados em histórias de vida, que tratam da relação entre narrativas, literatura e imaginário, como Costa (1997) e Misoczky e Vecchio (2006), bem como inúmeros trabalhos que tratam de experiências sociais e suas narrativas em espaços específicos, como é o caso de Cardoso (2004), que lida com a história de vida de um candango em Brasília, e Guimarães (1993), que aborda a mobilidade social por meio da trajetória de um operário na Bahia.

Nesse quadro amplo sobre as histórias de vida como métodos narrativos, não se podem ignorar, por fim, as expectativas com relação à própria história de vida, tema explorado por Seltzer e Troll (1986), que discutem o papel que possui a percepção do tempo sobre o que os indivíduos projetam para si próprios em termos de histórias pessoais.

Destas possibilidades, o que se percebe é que os métodos narrativos podem ser combinados a outros métodos, como no caso de Gordon e Lahelma (2003), para que o pesquisador consiga apreender o contexto, na percepção dos indivíduos, da forma mais ampla possível. Uma outra possibilidade,

apontada por Curado (2001), é a possibilidade de complementação e de cruzamento das narrativas com dados historiográficos, de maneira a que se consigam os níveis qualitativos de credibilidade a que se refere Godoy (2005).

Em qualquer das combinações possíveis, é necessário que, metodologicamente, sejam estabelecidas bases de procedimento, o que será discutido na próxima seção.

A Operacionalização da Pesquisa baseada em Métodos Narrativos

Antes de qualquer coisa, é preciso deixar claro que os métodos narrativos podem auxiliar um movimento analítico que mova as temáticas do reducionismo psicológico em direção a focos macrossociológicos (STANFIELD, 1987). Isso vai depender, em essência, da capacidade dos pesquisadores em utilizar a estratégia metodológica mais adequada aos seus objetos de pesquisa, e não o contrário, como tem sido feito.

A esse respeito Eisenhardt (1989), sustenta a metodologia qualitativa pode dar origem a teorias sustentáveis desde que adote algumas precauções que, se não a aproximam do funcionalismo metodológico, lançam as bases para uma metodologia que se distancia do solipsismo teórico. E, é complementada por Weick (1989, p.520), ao afirmar que “o ponto chave é que este processo é guiado por representações”, o que faz da história percebida uma fonte válida de dados para a geração de conhecimento científico.

Para que se alcance esta realidade percebida, do ponto de vista científico, é preciso adotar métodos que possibilitem o acesso às narrativas, sejam elas na forma

escrita, sejam elas na forma oral. Nesse sentido, apresenta-se agora uma forma de operacionalização – que não pretende e nem deve ser entendida como uma receita – que pode ser usada na confecção de pesquisas baseadas em métodos narrativos.

Primeira Etapa: Planejamento e Organização

Como a pesquisa narrativa se enquadra basicamente no escopo da abordagem qualitativa, uma vez que mesmo quando quantifica os dados, parte da visão dos sujeitos que narram a realidade, o planejamento não pode ser considerado a principal fase, como ocorre em pesquisas quantitativas. Isso se dá basicamente porque é o processo de interação com a narrativa que molda a pesquisa, e não pretensões feitas antes de se ter contato com o objeto narrado. Por isso, ainda que algum tipo de planejamento e organização seja necessário, até mesmo para possibilitar um nível mínimo de operacionalização da pesquisa, não há um nível de detalhe como nos estudos quantitativos.

A problemática da pesquisa é central em uma pesquisa narrativa. Mas, a forma como será abordada dependerá, em essência, do que e de como serão as narrativas com as quais o pesquisador lidará. É necessário um foco inicial para o qual serão dirigidos esforços no sentido de que as narrativas circundem este tema, de forma a que se consiga ampliar o nível de compreensão daquele fenômeno. Este foco, contudo, não flutua no vácuo, desvinculado de outros fatores. Por isso, na pesquisa narrativa, a compreensão do contexto é fundamental para o pesquisador. Ainda que basicamente se esteja interessado na perspectiva do narrador, reconhecem-se algumas limitações nos dados por ele narrados, razão pela qual a contextualização é importante a fim de

conferir sentido às interpretações suscitadas na narrativa (GORDON; LAHELMA, 2003).

Segunda Etapa: Seleção dos Sujeitos da Pesquisa

Pesquisas narrativas, até mesmo por uma questão da quantidade das informações levantadas, precisam ser levadas a cabo com um contingente restrito de fontes de narração. Por isso, é fundamental que pesquisadores se certifiquem com antecedência se os sujeitos de quem se pretende ouvir as narrativas são detentores, de fato, das experiências necessárias a serem narradas. Esta preocupação é importante à medida que, embora biografias fictícias sejam um dos métodos narrativos, trabalhar em cima de narrativas deliberadamente inventadas, quando se pretende que elas reflitam a experiência verdadeira dos indivíduos (ROBERTS, 2004) é prejudicial para a validade científica da pesquisa.

Terceira Etapa: Coleta de Narrativas

Em função da grande quantidade de informação necessária para a construção de uma narrativa, dificilmente se consegue completar o procedimento de coleta de dados em apenas um encontro com o narrador. Por isso, é preciso agendar vários encontros, de preferência em locais onde não haja fatores que possam intervir na concentração e na capacidade de resgatar memórias, e com elas ‘costurar’ sua narrativa. Na abertura do encontro, o pesquisador formalmente inicia a entrevista, que pode se caracterizar, no caso da história de vida, por um estímulo à cognição do entrevistado. Lieblich et al. (1998, p.25) sugerem uma forma muito interessante de conduzir este momento.

Toda vida de uma pessoa pode ser escrita em um livro. Eu gostaria que

você pensasse sobre a sua vida agora como se você estivesse escrevendo um livro. Primeiro, pense sobre os capítulos desse livro. Eu tenho aqui uma página para ajudar você nessa tarefa. Escreva os anos da primeira coluna – de zero, do dia em que você nasceu. Quando a primeira fase termina? Escreva aqui. Então vá aos próximos capítulos, e escreva a idade que cada um começa e termina para você. Continue até você alcança a presente idade. Você pode usar qualquer número de etapas que você achar necessário para sua própria vida.

Em seguida, o entrevistador pode direcionar o narrador a construir cada fase do seu capítulo com questões específicas, como: a) descreva um episódio significativo ou uma memória que você lembre dessa fase; b) que tipo de pessoa você era durante essa fase?; c) quem foram pessoas importantes para você durante essa fase e por quê?; d) qual a sua razão para escolher terminar esta etapa quando você o fez? Este direcionamento, contudo, não pode ser uma camisa de força para o processo. Deve-se ter em mente, como aponta Thomson (2002, p.357), que “as formas pelas quais as histórias de vida são narradas – as ênfases, os silêncios, os padrões lingüísticos, as metáforas – podem ser altamente reveladoras da natureza e do significado da experiência” dos entrevistados.

Além disso, Kasper (1994) destaca a importância de o pesquisador ser bem informado sobre a temática da narrativa que pretende coletar, sob pena de não se conseguir aceitação mínima dos narradores, e com isso prejudicar o processo de coleta de informações. Contudo, estar bem informado não é o suficiente para uma coleta de narrativas bem sucedida. De acordo com essa autora, é ainda necessário que o

pesquisador apresente uma postura colaborativa, inspire confiança no narrador, seja um bom ouvinte, pouco interferindo na narrativa. Com relação à coleta de narrativas, por fim, Chaitin (2004) destaca que é essencial a gravação (em áudio ou vídeo) dos depoimentos e sua posterior transcrição palavra a palavra, para que, em termos de qualidade, uma análise adequada seja possível.

Quarta Etapa: Análise das Narrativas

Lieblich *et al.* (1998) apresentam quatro possibilidades de leituras de narrativas:

a) Leitura Holística de Conteúdo

Leva em consideração a história inteira e foca seu conteúdo. De certa forma o que é especificamente contado pelo narrador é colocado em um segundo plano, fazendo com que a narrativa adquira uma conotação mais universal, categorizada em temas mais amplos abordados pela narrativa. Para exemplificar, o trabalho de Cardoso (2004), que trata da trajetória de um imigrante nordestino na capital federal, permite uma leitura além dos limites estritos da narrativa, permitindo análises mais amplas sobre expressões de práticas sociais comuns ao novo espaço, o aprendizado em um contexto distinto do de origem, a questão da migração e a discriminação sofrida por migrantes etc.

b) Leitura Holística da Forma

Também enfoca a história de vida como um todo, mas trata dos seus aspectos formais mais do que propriamente de seu conteúdo. Baseia-se na perspectiva de que toda história, oral ou escrita, pode ser formalmente caracterizada por uma progressão do seu esquema (no sentido de espaço). Três possibilidades básicas dos esquemas são progressão, regressão e uma

linha regular, enquanto que histórias individuais são uma combinação dos três. Trabalhos como o de Seltzer e Troll (1986), por exemplo, mostram que, uma vez que os indivíduos buscam coerência na história de vida que esperam ter, isso se presta a uma análise mais voltada para a forma do que ao conteúdo desta história de vida propriamente dito.

c) Leitura Categorial de Conteúdo

Este tipo de leitura, normalmente chamado de 'análise de conteúdo', trata do conteúdo das narrativas, como manifestado, em partes separadas da história, sem considerar o contexto completo da narrativa. Isso pode se dar na forma de quantificação da frequência de certas palavras ao longo da narrativa, o que origina unidades de categoria mais amplas – que explicam os eventos. Tais unidades de explicação de eventos estão presentes em trabalhos como os de Elliott (2002), Peterson e Stapleton (1995), Peterson e McQuitty (2001) e Smith e Thomas (2003).

d) Leitura Categorial de Forma

A quarta possibilidade de leitura de narrativas considera aspectos formais de seções separadas ou categorias de uma história de vida. Em geral, o interesse dessa leitura é sobre a coerência com que é construída cada parte da história, refletida por meio de palavras e expressões especificamente relacionadas a cada momento do que é narrado. Exemplos deste caso são as categorias "contexto", "os protagonistas", "o conceito de 'vida boa'", "a maioria dentro da qual eles vivem", "estudantes beduínos da faculdade" no trabalho de Kainan et al. (2006) sobre a continuidade de estudos de beduínos no nível superior, bem como as categorias "oceanos

de negação", "rio de medo", dúvidas de destinação/garantias", "dividindo o bote da vida" no artigo de Callahan et al. (2003) sobre decisões de saúde ligadas ao fim da vida.

Quinta Etapa: Validação do Estudo

A pesquisa narrativa – como os demais tipos de pesquisa baseados em metodologia qualitativa, mais interessada na processualidade da narração do que em um rigoroso e extensivo planejamento prévio – ainda que não disponha do mesmo aparato prévio de que dispõem os estudos quantitativos, para atenderem às exigências de cunho científico, precisa se valer de critérios intrínsecos, entre os quais se destacam a validade, a qualidade e a representatividade.

Narrar é "(re)construir verbalmente o presente, as lembranças e os desejos, é (re)elaborar a experiência individual no passado comum" (COSTA, 1997, p.8). Com relação à validade, não se tem dúvidas de que as narrativas sempre são (re)coleções de percepções do passado, sentimentos e motivos que estavam em jogo no momento do evento (FRAZIER, 1978). Como coloca Thomson (2002, p.359):

as histórias que nos contam nas entrevistas são muitas vezes versões de relatos que foram criados logo após eventos e que foram usados e reelaborados pelos indivíduos ou no interior das famílias e das comunidades (...) em cada estágio, as histórias de vida articulam os significados da experiência e sugerem maneiras de enfrentar a vida. Quando registramos estas histórias, não captamos apenas evidências inestimáveis sobre experiência anterior e as histórias vividas.

Contudo, não se pode ter ilusões de que uma coleta de dados baseada em qualquer outra abordagem metodológica seja, por si só, mais objetiva; a articulação entre ontologia, epistemologia, teoria e método não é casual, e tampouco neutra: obedece a lógicas não explicáveis pelo raciocínio científico. Por isso, a validade das narrativas coletadas se liga, por um lado, à capacidade do pesquisador em definir adequadamente o objeto de pesquisa e os narradores que a ele fornecerão o objeto, e, por outro, da capacidade de não se deixar envolver pelo tema, fazendo dele um cavalo de batalha, a ser defendido a todo custo, quase que religiosamente.

A maior parte dos métodos narrativos é criticada por se basear mais em descrições e interpretações do que em análises teóricas (STANFIELD, 1987). Além disso, explicitar as opções metodológicas tem sido particularmente raro nesse campo, principalmente porque métodos como a história de vida são usados isoladamente, perdendo a força da triangulação metodológica. A qualidade da pesquisa, nesse sentido, diz respeito a quanto se explicitam as limitações própria do método e da pesquisa, e quais as opções metodológicas – acertadas ou não – feitas para consecução do estudo. Acreditar que um trabalho tem mais qualidade do que outro apenas por não apresentar ‘falhas’ é negar o caráter evolutivo da ciência como forma de conhecimento humano (DEMO, 1987), além de gerar desconfiança sobre a ‘perfeição operacional da pesquisa’. Reconhecer, com honestidade, as limitações de um trabalho, sejam elas teóricas, metodológicas, ou do estudo em si é avançar, no sentido da construção de uma base mais madura e sólida de conhecimento científico.

A representatividade dos dados é outro critério que merece atenção em uma pesquisa narrativa. Esta modalidade metodológica, como já discutido, partilha das vantagens e das desvantagens de outros métodos de cunho qualitativo. E como a palavra central nesta abordagem é significado, a representatividade é uma questão em segundo plano. Como então fazer com que pesquisas qualitativas adquiram uma relevância maior do que para os poucos casos a que se referem? A resposta, que pode soar muito desconfortável aos ouvidos dos partidários de pesquisas quantitativas, está no nível analítico. Metodologicamente, uma vez que não há maiores preocupações com universo e amostragem do ponto de vista estatístico, não se pode fazer nenhum tipo de generalização dos casos analisados qualitativamente, mesmo porque a pesquisa não se propõe a isso. Em termos analíticos, entretanto, a situação muda de figura. Pode acontecer a transposição analítica do que se verificou em casos particulares – ou em narrativas específicas – e transbordá-las para situações semelhantes. Assim, o nível de sofisticação analítica de uma pesquisa é que terminará por definir o quanto ela pode vir a se tornar representativa – em termos analíticos – de contextos assemelhados. A representatividade de um estudo científico, desta forma, é menos um resultado do método em que foi baseado do que à forma pela qual foi analisado. Trabalhos consistentes de abordagem e interpretação conferem maior consistência, e, portanto, maior representatividade, a pesquisas narrativas.

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi apresentar e discutir os métodos narrativos de pesquisa, com a finalidade de mostrar suas possibilidades para a pesquisa na área de Administração. Os argumentos apresentados destacaram que a narrativa também é uma possível fonte da realidade, já que esta não é algo exterior aos homens, mas algo intrinsecamente a eles relacionado.

Nessa linha de raciocínio, foi destacada a questão da construção da memória, como um processo ao mesmo tempo individual e coletivo, que seleciona lembranças de acordo com a trajetória de cada indivíduo – o que relativiza o raciocínio solipsista de que não há outra realidade além da imaginada pelas mentes humanas – o que solicita dos pesquisadores toda uma série de procedimentos metodológicos específicos para lidar com as narrativas. Estes métodos, cujos conceitos, tipologias, aplicações e operacionalização foram detalhados, conferem uma base mais técnica para viabilizar pesquisas baseadas em narrativas.

Considerando a carência generalizada de reflexões mais amplas sobre os conceitos e aplicações da metodologia qualitativa na área de Administração, as contribuições teóricas deste artigo se situam no campo da exploração e aprofundamento possibilidades metodológicas porque ao mesmo tempo em que viabilizam as narrativas como fonte de dados ao não desqualificá-las como dados

'menores', sustentam a forma pela qual podem ser abordadas.

Além disso, ao colocar as narrativas no centro do processo, os métodos narrativos de pesquisa sugerem a possibilidade de teorização a partir de análises criteriosas de trajetórias individuais. Esse é um terreno fértil para o campo científico porque metodologicamente apresenta uma possibilidade que compete com a dedução funcionalista, ampliando a mera tentativa de confirmação infinita de pressupostos, ampliando o próprio escopo da perspectiva metodológica qualitativa.

Esta abordagem de pesquisa é atraente também porque, do ponto de vista da consistência, permite uma articulação mais estreita entre teoria e método, uma vez que há um movimento nada desprezível – nos estudos organizacionais principalmente – no sentido de considerar as narrativas nas organizações a fonte central de dados, já que no mundo organizacional não há fatos, mas versões dos fatos.

Por fim, ao lançar mais cores sob o prisma qualitativo, os métodos narrativos propiciam o surgimento de abordagens teórico-metodológicas mais criativas, intuitivas e diferentes para as pesquisas, que não subcategorizem formas de conhecimento alternativas, distintas o que o mainstream pratica, apenas por não saber como com elas lidar.

Referências

- ABDI, A. A. Qualitative Methodology, the Historical Sociologist and Oral Societies: Reassessing the Reliability of Remembered "Facts". **Forum: Qualitative Social Research**, Berlin, v.2, n.3, Sep. 2001.
- ALVESSON, M.; DEETZ, S. Teoria Crítica e Abordagens Pós-Modernas para Estudos Organizacionais. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Org.). **Handbook de Estudos Organizacionais: Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998. v.1.
- BECKER, H. S. A História de Vida e o Mosaico Científico. In: **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 4.ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BERGER, T. L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. 25.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J. La investigación Biográfica y Narrativa en Iberoamérica: Campos de Desarrollo y Estado Actual. **Forum: Qualitative Social Research**, Berlin, v.7, n.4, Art.12, Sep. 2006.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological Paradigms and Organizational Analysis: Elements of the Sociology of Corporate Life**. London: Heinemann, 1979.
- CALLAHAN, K.; MALDONADO, N.; EFINGER, J. Bridge over Troubled Waters: End-of-Life (EOL) Decisions: A Qualitative Case Study. **The Qualitative Report**, Fort Lauderdale, v.8, n.1, June 2003.
- CARDOSO, C. F. **Anais do I Seminário sobre Tempo e História**. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa. 1997.
- CARDOSO, H. H. P. Narrativas de um Candango em Brasília. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.24, n.47, p.163-180, 2004.
- CHAITIN, J. My Story, My Life, My Identity. **International Journal of Qualitative Methods**, Edmonton, v.3, n.4, Dec. 2004.
- COSTA, C. B. Uma História Sonhada. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.17, n.34, p.52-65, 1997.
- CURADO, I. Pesquisa Historiográfica em Administração: Uma Proposta Metodológica. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXV, 2001, Campinas. **Anais...** Campinas: ANPAD, 2001.
- DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.
- EISENHARDT, K. M. Building Theories from Case Study Research. **Academy of Management Review**, Briarcliff Manor, v.14, n.4, p.532-550, Oct. 1989.
- ELLIOTT, J. The Value of Event History Techniques for Understanding Social Processes: Modelling Women's Employment Behaviour after Motherhood. **International Journal of Social Research Methodology**, London, v.5, n.2, p.107-132, Apr. 2002.
- FRAZIER, C. E. The Use of Life-Histories in Testing Theories of Criminal Behavior: Toward Reviving a Method. **Qualitative Sociology**, Dordrecht, v.1, n.1, p.122-142, May 1978.
- GODFREY, B. S.; RICHARDSON, J. C. Loss, Collective Memory and Transcribed Oral Histories. **International Journal of Social Research Methodology**, London, v.7, n.2, p.143-155, Apr. 2004.
- GODOY, A. S. Refletindo sobre Critérios de Qualidade da Pesquisa Qualitativa. **Gestão.Org**, Recife, v.3, n.2, p.85-94, maio/ago. 2005.
- GORDON, T.; LAHELMA, E. From Ethnography to Life History: Tracing Transitions of School Students. **International Journal of Social Research Methodology**, London, v.6, n.3, p.245-254, July 2003.
- GUIMARÃES, A. S. A. Operários e Mobilidade Social na Bahia: Análise de uma Trajetória Individual. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 8, n.22, p.81-97, jun. 1993.
- KAINAN, A.; ROZENBERG, M.; MUNK, M. Change and Preservation in Life Stories of Bedouin Students. **Forum: Qualitative Social Research**, Berlin, v.7, n.1, Art.1, Jan. 2006.
- KASPER, A. S. A Feminist, Qualitative Methodology: A Study of Women with Breast Cancer. **Qualitative Sociology**, Dordrecht, v.17, n.3, p.263-281, Fall 1994.
- LE GOFF, J. Memória/História. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. v.1.
- LIEBLICH, A.; TUVAL-MASHIACH, R.; ZILBER, T. **Narrative Research: Reading, Analysis and Interpretation**. Thousand Oaks: Sage, 1998.
- LYON, E. S. The Use of Biographical Material in Intellectual History: Writing about Alva and Gunnar Myrdal's Contribution to Sociology. **International Journal of Social Research Methodology**, London, v.7, n.4, p.323-343, Oct. 2004.

- MACHADO, A. M. A.; SARAIVA, L. A. S. Bipolaridade Simbólica em um Museu Mineiro. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, IV, 2006, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, ANPAD, 2006.
- MISOCZKY, M. C. A.; VECCHIO, R. A. Experimentando Pensar: Da Fábula de Barnard à Aventura de Outras Possibilidades de Organizar. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v.IV, n.1, p.1-11, mar. 2006.
- OLESEN, H. S. Professional Identity as Learning Processes in Life Histories. *Journal of Workplace Learning*, Queensland, v.13, n.7/8, p.290-297, 2001.
- PETERSON, R. T.; MCQUITTY, S. An Assessment of the Effectiveness of Life History Analysis in the MBA Marketing Management Class. **Marketing Education Review**, Las Cruces, v.11, n.2, p.53-61, Summer 2001.
- PETERSON, R. T.; STAPLETON, A. M. Life History Study for the Personal Selling Class. **Marketing Education Review**, Las Cruces, v.5, n.3, p.51-56, Fall 1995.
- REED, M. Teorização Organizacional: Um Campo Historicamente Contestado. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Org.). **Handbook de Estudos Organizacionais: Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais** São Paulo: Atlas, 1998.v.1.
- ROBERTS, B. Political Activism and Narrative Analysis: The Biographical Template and The Meat Pot. **Forum: Qualitative Social Research**, Berlin, v.5, n.3, Art.10, Sep. 2004.
- SELTZER, M. M.; TROLL, L. E. Expected Life History: A Model in Nonlinear Time. **American Behavioral Scientist**, Thousand Oaks, v.29, n.6, p.746-764, July/Aug. 1986.
- SMITH, J. P.; THOMAS, D. Remembrances of Things Past: Test-Retest Reliability of Reprospective Migration Histories. **Journal of the Royal Statistical Society** (Series A, Statistics in Society), London, v.166, n.1, p.23-49, Jan. 2003
- STANFIELD, J. H. Life History Analysis and Racial Stratifications Research. **American Behavioral Scientist**, Thousand Oaks, v.30, n.4, p.429-440, Mar. Apr. 1987.
- THANEM, T. All that is Solid melts into Air? Ephemera and the Monument. **Ephemera: Theory & Politics in Organization**, Warwick, v.1, n.1, p.30-35, Jan./Apr. 2001.
- THOMSON, A. Histórias (Co)Movedoras: História Oral e Estudos de Migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.22, n.44, p.341-364, 2002.
- TOVEY, P.; MANSON, N. Story Teller or Story Analyst? How Useful is the Storied Narrative for a Critical Sociology of CAM and Nursing? **Journal of Health Organizations and Management**, Oxford, v.18, n.4, p.226-239, 2004.
- WEICK, K. Theory Construction as Disciplined Imagination. **Academy of Management Review**, Briarcliff Manor, v.14, n.4, p.516-531, Oct. 1989.

Notas

- THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F. **The Polish Peasant in Europe and America**. 2.ed. New York: Alfred A. Knopf, 1927.